

BARCELLOS

CONTO POPULAR

A Invenção da trava na serra, descoberta pelo diabo

Uma vez estando S. José a trabalhar de carpinteiro, o diabo, que analysava o seu trabalho, viu que com elle não podia entrar, não podia produzir-lhe tentação. Lembrou-se então de lhe pregar uma pirraça, de lhe fazer uma picardia; e, quando o santo deixou as suas lides para ir jantar e descansar um pouco das fadigas do seu honesto trabalho, o diabo lançou mão da serra de que o santo se servia e começou por entortar-lhe os dentes, voltando-os em sentido opposto; isto é, um para cada lado, de maneira que foi assim que deu trava á serra, embora não sabendo bem o que fazia. Depois d'isto, depois de ter concluído a sua maldade, pôz a serra no mesmo lugar d'onde a tinha tirado. O santo depois do descanso voltou ao seu trabalho que o diabo analysava ainda com maior interesse. Teve o san-

to precisão de servir-se da serra e pegando n'ella sem conhecer que não estava como a tinha deixado, empregou-a no corte de madeira bastante resistente, mas notava que ella depressa e facilmente entrava na madeira. Não foi isto para o santo motivo de grande admiração, mas o diabo com espanto notou então que em vez de pregar partida ao santo, como pretendia, pelo contrario lhe havia prestado um relevantissimo serviço. Ficou, já se vê, furiado, *cahiu das nuvens*, como se costuma dizer, e ericando o cabello com as mãos, fugiu irado.

Eis aqui como foi inventada a trava na serra, trabalho d'uma tradição vulgar nos carpinteiros minhotos.

Barcellos.

(Freguezia de Arcozello)

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.



DESCANTE POPULAR

Menina que sabo lôr,
Tambem sabe soletrar,

Sempre quero que me diga:
Quantos peixes tem o mar?

—Os peixes que tem o mar
Não os vou contar ao fundo;
Mas quero eu que me diga:
Quanto homens ha no mundo?

—Os homens que ha no mundo
Denuncia-os o chapéu;
Porem quero que me diga:
Quantos anjos ha no ceu?

—Os anjos que ha no ceu
Não nos vou contar lá cima;
Mas diga, se é que sabe:
Quantos dentes tem a lima?

—Quantos dentes tem lima?!
Tem tantos como o limão.
Eu adoro-te, menina,
Da raiz do coração...

Espozende.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.



OS ANIMAES ENCARADOS PELO POVO

(Continuado do n.º 5)

O mesmo se diz com respeito á ca-
della.

Mocho: misantropia.

E' um môcho em penedo, diz-se de
quem está scismando.

Macaco: imitação.

E' um macaco, faz tudo que vê fa-
zer.

Pêga: latrocínio.

E' uma pêga: esconde tudo.

Cabra: doilice (nas mulheres), o

costume de gritar.

E' uma cabra namora um burro se
tiver um chapéu na cabeça.

Olha a cabrice ou cabreirada que lá
vae (saltos e gritos)

Burro: estupidez teinozia, e servi-
dão susceptibilidade.

Cavallo: fortaleza, ligeireza.

Coruja: velhice.

Algreivão: Altura.

Girafa: idem.

Bufo: falta de elegancia.

Cegonha: altura, falta de graça.

Grou: falta de geito.

Pintasilgo e pisco; fastio.

Rato: esperteza, superficial chama-
se ainda ratos, ratinhos aos povos
da Beira.

Camello: estupidez.

Lebre: ligeireza.

Pinto: fraqueza, e estar molhado.

Ouriço: ter o cabelo erriçado.

Crocodilo: hypocrizia.

Baleia: deformidade; grandeza.

Texugo: obesidade.

Vivora: mau genio.

Bacalhau: magreza.

Rapoza: subtileza.

Zorra: devassidão.

Tarantula, aranha: fealdade.

Pardal: viveza, potencia.

Cuco, e Cabrão; marido enganado.]

Corvo: cor preta, voracidade.

Rôla: mansidão.

Javardo: desconfiança, selvageria.

Passaró (em geral); agilidade.

Besta, quadrupede (em geral) bru-
talidade.

Giboia: gula, perguica.

Leão: valentia.

Tigre: crueldade.

Serpente: mulher má.

Passrra: *bisnau*: esperteza velhaca.

Melharuco (olhos de melharuco): o-
lhos vivos e pequenos.

Carneiro (olhos de—mal morto): o-
lhos mortaes.

Mosquito: pequenez.
Zangão: ociosidade, parasitismo.
Bicho (em geral): fealdade, multidão.
Estava muita gente; era como bichos.
Arveloa; ligeireza, leveza.
Milhafre: rapacidade.
Lombriga: magreza de pessoa alta.
Sapo: afta.
Lesma: vagar, pachorra, perguiza.
Caranguejo: retrocesso.

ELVAS

Joaquim Maria Soeiro de Brito.



A DANSA

Apostamos que o leitor não sabe um promenor curioso da historia da danza. E' que o primeiro grande baile que foi dado antes dos bailes de corte em que os nobres appareciam mascarados foi dado pelos bispos reunidos no concilio de Trento. Dansou-se ahi formalmente em honra do symbolo dos apostolos e do Peccado Original.

Do que se conclue que afinal os grandes bailes officiaes são invenção da Igreja.

Hoje é tão popular este costume de dançar e bailar que até para os camponezes é o seu melhor passatempo.



PADRE-NOSSO DOS LAVRADORSS

Pae nosso, que estaes no céo, santificado seja o vosso nome, ve-

nha a nós grande abundancia de cereaes, vinhos e azeite, seja feita a vontade dos que regam a terra com o suor do rosto assim no inverno como no verão, o pão nosso de cada anno nos dae em larga quantidade; perdoae-nos, senhor, os impostos, assim como nós perdoamos os desperdicios dos governos, não nos deixeis cahir na miseria e livrae-nos do «citador.» Amem.

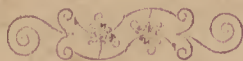


PIEDOSO COSTUME

Em muitas parochias das costas da Normandia, os pescadores que não podem assistir á missa do domingo, por não terem podido arribar ao porto, ordenam a suas familias que accendam durante a cerimonia velas de cera diante da Virgem, Estrella dos Mares.

Contadas as luzes, egual numero de homens se acham luctando no mar com ondas embravecidas ou com o vento contrario.

Cada luz representa o himno, que cada mariuheiro eleva ao ceu durante a missa.



UMA LENDA RUSSA

E' o grande escriptor Tourgueneff quem a conta, na «Ruvue politique et littéraire»:

«Dois ou tres dias antes do Natal, dava o bom Deus uma festa no seu palacio azul.

«Todas as virtudes foram con-

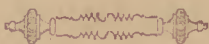
vidadas, mas só as virtudes; nenhuns cavalheiros, nada mais do que as damas.

«Apresentaram-se muitas virtudes, grandes e pequenas; as pequenas eram mais agradáveis, mais encantadoras do que as grandes, mas todas pareciam entender-se muito bem e conhecer-se intimamente.

«Mas eis que o bom Deus dá fé que duas das mais bellas damas andavam como estranhas uma á outra. O dono da casa toma uma d'estas pela mão e aproxima-a da outra.

«A Beneficência, diz elle, designando a primeira.—A gratidão, acrescenta, mostrando a segunda.

«As duas ficaram muito admiradas. Era a primeira vez que se encontravam desde o principio do mundo.»



COSTUMES AFRICANOS

Na Zulandia, o homem que pretende casar compra a mulher a prompto pagamento. Preço fixo: doze cabeças de gado.

Quando não ha filhos, o marido entrega a mulher, e a familia restitue o gado recebido.

O marido deseja ter filhos porque os vende pelo preço por que comprou a mãe.

Os zulus não trabalham: quem trabalho são as mulheres; semeam, ceifam, carreteiam, etc. Ha só uma occupação para os homens; é o mungir as vaccas. A mulher surprehendida a usurpar esta função soffre pena de morte.

Por toda a costa de Moçambique, desde Lourenço Marques, os casa-

mentos são tratados com os paes da noiva, e o homem toma tantas mulheres quantas póde comprar.



A LENDA POPULAR BEIRÃ E O MEZ DE FEVEREIRO

(Inedita)

A mãe de fevereiro queixou-se ao filho de ter muito frio.

—Pois olhe, se tem frio, vá-se sentar ao sol.

Assim lhe fez a velha, toda tremola, mas quando estava no melhor do seu regalo, elle mandou uma grande escravanada inteiriçou a pobre valetudinaria.

Este caso, que se narra entre o povo, com certa má vontade a este mez, e desde epochas immemoriaes, deu origem ao rifão rimado:

O «Fevereiro matou a mãe do soalheiro.»

Cautella, pois, com o sol d'este tempo.



Superstições no Algarve

Na freguezia de Pera, concelho de Silves, reinam, além das que já publicamos, as seguintes entre a gente do povo:

É bom desmamar os meninos em sexta-feira santa, porque os preserva de morrerem tísicos.

Não é bom apagar os murrões que caem acesos no chão, porque estão allumiando as almas do limbo.

José Claudio Rafael Pinto (Pera—Algarve).